

Xokleng: o nome que te deram

Por Aline Assumpção



Não precisamos nos afastar muito da germânica e nórdica Blumenau – uma das principais cidades do Vale Europeu, região de Santa Catarina conhecida pela imigração de italianos e alemães – para encontrar um outro Vale do Rio Itajaí.

Em pouco mais que duas horas de carro, saindo a Itajaí-Açu, lá estamos: este o Vale marcado pela disputa de terras entre brancos e índios, pela repressão que atingiu território sagrado, que transformou rios em casas simples de madeira, que dividiu a etnia ao meio. O Vale cujos corais, fibras, palmeiras e antros desapareceram debaixo das mesmas águas que, por tanto tempo, foram fonte de vida.

A reserva indígena de José Bonifácio, na TI (Terra Indígena) de Borama, é hoje área protegida pelo governo brasileiro, o que restou ao povo xokleng.



IDENTIDADE

Refugiada emenda pelas pais índias, aprendeu a fazer colares e artefatos com a mãe, que aprendeu com avó, cuja bisavó havia emigrado.

Vanda Amanda Cantilen: Refugiada pelo 'chulo-alemão' com nome de branco e sobrenome para documentos. Tem nome, fe e religião branco-cristã, então pode usar colares e outros adereços que faz. 'Se para vender aos turistas, nessa religião não peço'.

Dona Vanda, como todas as demais 800 índias do etnia, é evangélica.



O VERBO

Aimã ganhou nome inspirado em soldado alemão. Sou bilingue, explica em português fluentemente, um dos poucos do grupo que se esforça para manter viva a língua sokling, e também domina o idioma haingang (de tribo próxima). Em casa, duas das doze netas conversam com o avô na língua nativa e resistem à responsabilidade de preservá-la.

'Aqui não vem quase ninguém de fora, quando vem, não quer ouvir o que temos a dizer. Falar do nosso povoado, da nossa história não nos deixa morrer'. Conta e relata as histórias da tribo.

AS CONTAS DA FAMÍLIA

Quando encontramos o casal, todos se aproximam. Para o sustento, toda a família - mulheres, meninos, velhos - faz artesanato.

Aprendizaram com os avós a fazer colares, pulseiras de contas, e fazer colares. Para vender, também investiram modelos novos, conforme a moda muda de colares. Fica bonito, especialmente! Também tem arco e flecha, chocalhos e bebê-caracol.

Vendem artesanato a quem visita a tribo. 'Quase ninguém aponta aqui...'



DA TERRA

Antes de a represa alagar as terras indígenas, o povo era nômade, se movimentava conforme o nível do rio. Quase não cultivava a terra, vivia do extrativismo e caçava.

Na aldeia não há emprego - não há supermercado, ou outro estabelecimento comercial. A reserva é protegida, a colheita fica quilômetros.

Quase não há dinheiro. Plantam mandioca e batata, e alguns comestíveis que são vendidos no fim.



DIA DE FESTA

Quase todos os anos por aqui tem festa da cultura xikleng na aldeia. Uma casa é construída, na memória das antigas moradias. O câmbio é legítimo xikleng. Nesse dia, todos podem usar colares, roupas e adereços, que depois são desmontados.

As canções são entoadas em língua xikleng. "É de que falaram os canções?" Falam de Jesus, são finais de jovens, evangélicos."

No dia 22 de setembro, fazemos uma grande festa! Para comemorar o "desdobramento" da tribo pelos brasileiros."



DEUS

Poucos anos depois da alínea lembrar, quase em silêncio, de sua infância e dos rituais funerários, batizados e festas religiosas realizados nos moldes de seus ancestrais indígenas.

Na escola, as crianças aprendem a história dos xetings. Estudam a cultura dos ancestrais, os hábitos alimentares, como moravam, o artesanato. Desprezando religiões xetings antigas.

"Mas, aqui, sempre foi evangélico." Mas, e antes de 1914, quando começou o contato com os alíneos; e antes de 1900, quando a igreja se estabeleceu aqui? "Acho que antes os xetings não conheciam Deus, não tinham religião."



TODOS OS NOMES

Somos da alínea sem que esse povo, sem qualquer marca de ego, entre os alíneos, nos falasse seu verdadeiro nome. Parafusando José Maranhão: conheço o nome que te deram, não conheço nome que tens.

Só depois foi saber que, por proibição, eles não podiam ser chamados 'xetings', mas o nome, que quer dizer 'senhor', foi dado por engano, por interpretações, nos primeiros contatos entre a tribo e os colonizadores. A etnografia, por um bom tempo, deixou de falar a sua autodenominação. Hoje, graças a um movimento recente de recuperação de idiomas, de mitos antigos e folclore, o verdadeiro nome desse povo vem ganhando espaço político.

Longe da alínea, diante dos fatos, é só depois de saber o col, é que foi saber o seu nome: **Laklani**, e 'gente do col'.

Alina Escamilla é jornalista, graduada pela Universidade Federal do Paraná, pós-graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Regional do Noroeste, Arapongas, editora do site propagandaonline.com.br, e editora do site www.alinaescamilla.com.br. Contato: alina@alinaescamilla.com.br

Publicado originalmente em: www.alinaescamilla.com.br, 04/04/2010, por: **Alina Escamilla**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 308p. Primeira Edição. Documento da Universidade de Chicago, 1999. <http://www.alinaescamilla.com.br/alinaescamilla.com.br>